

75/2/927

# Memórias de grandes reportagens

N.º 14

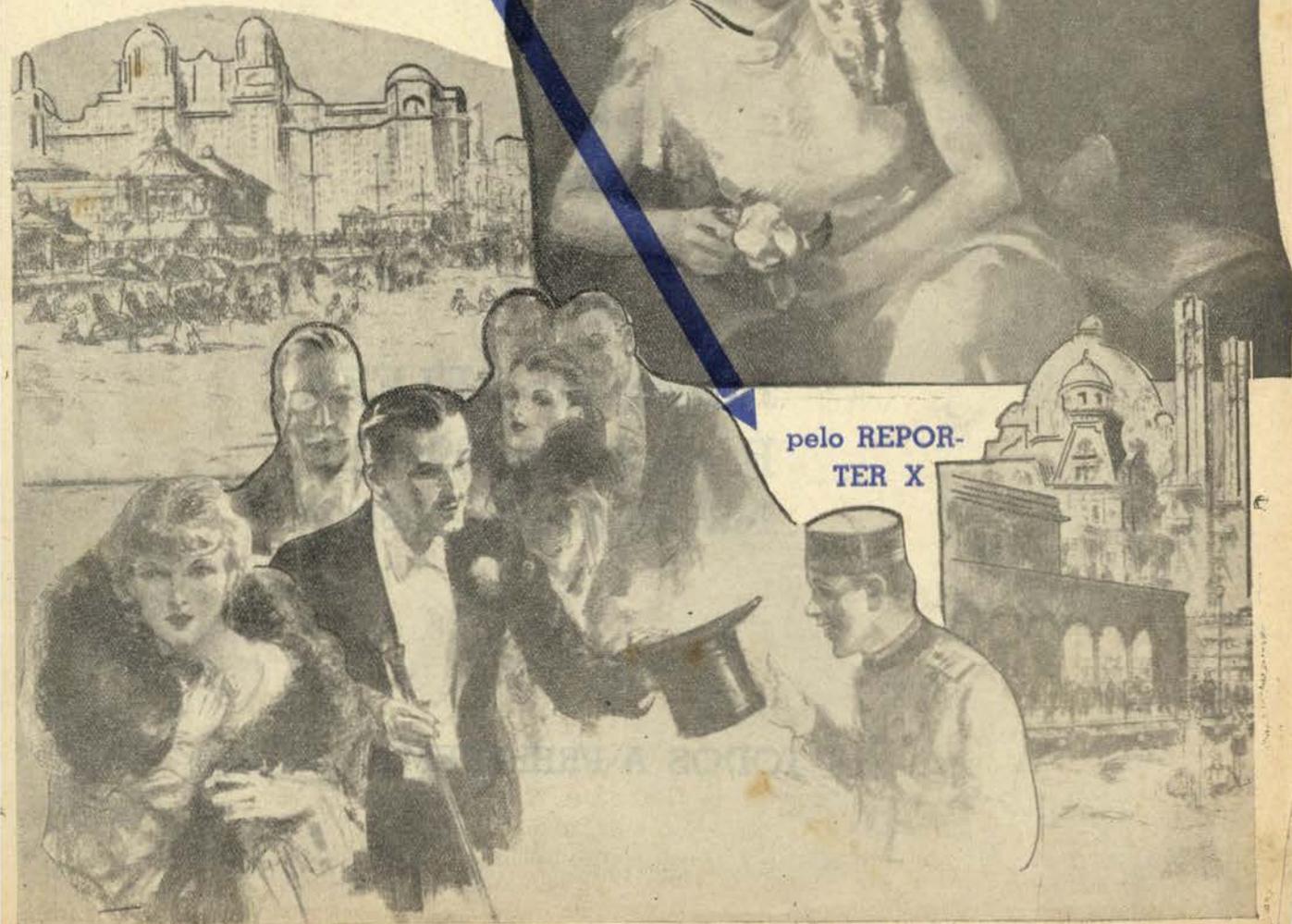
1\$00 Esc.

Lêr neste número

**Inconfidências sensacionais  
dos creados dos grandes  
homens e das ...**



pelo REPOR-  
TER X



# ESPECTACULOS

## Teatros

Nacional - 21 e 30 - «Cinco lobitos»  
Avenida - 21,30 - «Meu crime»  
Variedades - 21,30 - «Nobre Povo»  
Coliseu - Companhia de circo  
Apote - 20,30 e 22,45 - «Zé dos pacatos»  
Maria Vitória - 20,45 e 22,45 - «Viva folia»

## Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.  
Tivoli - 15 e 21 e 30.

Condes - 15 e 21 e 15.  
Central - 15 e 30 e 21 e 30.  
Olimpia - Das 15 e 30 às 0.  
Capitólio - 21.  
Chiado Terrasse - 15, e 21 e 15.  
Odeon - 15 e 30 e 21 e 30.  
Lys - Das 11 e 30 às 19 e 21 e 15.  
Paris - 20 e 45.  
Salão Portugal - 15 e 21.  
Palatino - 21.  
Palácio - 21 e 15.  
Europa - 21.  
Royal - 15 e 21 e 15.  
Eden-Cinema - (Rua do Alvíto) - 21.

Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Calvário) - 21.  
Imperial - (Rua Francisco Sanches).  
Salão da «Voz do Operário» - 21.  
Cine Oriente - (Penha de França).  
Salão Ideal - (Loreto).  
Cine Rossio - 21.  
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).  
Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.  
Max-Cine - (Rua Barão de Sabrosa).  
Jardim-Cinema - As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concerto - 14 e 45 e 20 e 45.  
Bélgica Cinema - (Rua da Beneficência, ao Régio) - 21.  
Espianada Vitória - (Rua Alves Torgo).  
Cine Salão Braço de Pata - A's quartas e domingos.

**Rapidez  
perfeição  
economia**



SÓ NA



**Imprensa BELEZA**  
**R. da Rosa, 99 a 107**  
**Telefone 2 1622 — LISBOA**

**TODOS A PREFEREM!**



# “MEA-CULPA”

(Penitências dum jornalista)

pelo *Reporter*

**E**SCREVO sobre as brasas que me queimaram a alma e que me deram o assunto para essas linhas que se seguem...

...Discutia-mos escritores, jornalistas livros e gazetas... Um advogado que fracassou nas letras — e que não perdôa, aos outros, esta e todas as suas impotências na vida — as que o levaram a aceitar, como último recurso, um lugarito burocrático — espinoteou, a meio da controversia, numa carga violenta contra os profissionais das gazetas e dos livros:

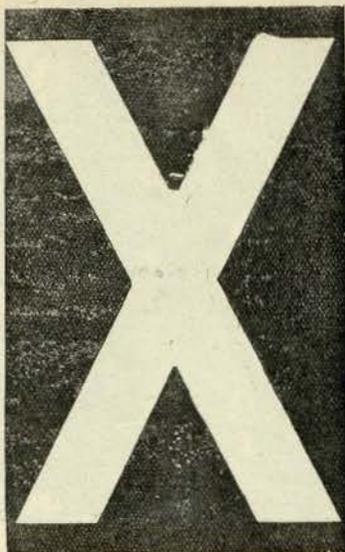
«— Vocês são a personificação, na Terra, de Satan. Perigosos em tudo! Perigosos sempre: Perigosos quando ataca ou elogiam, mentem ou são sinceros porque estão sempre na inversa das realidades! Pergunta tu (tu... era eu!) à tua consciência—meu velho escriba — se relendo um pequeno punhado dos niagaras de papel que tens enchido de tinta não tropeças dezenas de vezes, contigo próprio — vendo que te enganaste — e que, portanto, enganaste o público — atacando ou fogueando elogios; no convencimento que o tempo te impôs que nem tão perverso era o atacado, nem tão digno de protecnica era o inenciado... Que fostes sincero, que julgavas estar na verdade, quando rabiscastes essa prosa... Quem o duvida? Mas nem por isso é menor a tua responsabilidade, o teu crime, induzindo os que, seduzidos pelo magnetismo da tua sinceridade ou pelo alcoolismo com que essa mesma sinceridade embriagava os teus leitores — te acreditavam e aceitavam, como dogmas, as tuas críticas.»

Não me recordo já o que riposteiei ao tal advogado. Sei, sim, que me azedou o espirito e me acabrunhou. E de regresso à mesa de trabalho — caiu o meu olhar sobre duas lombadas... Uma — a de uma colecção de antigos jornais que eram quasi totalmente recheadas pela minha pelintrissima prosa; o outro... o outro correspondia a um livro que editei ha tempos... Folheei os dois volumes... Quis o destino que logo no primeiro deparasse com uma serie de reportagens de crime — em que eu me engolfara num impeto cego de «à la charge», e que eu vencera, revelando a verdade encoberta e orgulhando-me como um Curie que descobre o Radium — mas que... que levou o homem — criminoso-confesso — à Penitenciaria, á morte-viva... E logo entre os meus olhos e a prosa perpassaram as palavras que o tal advogado me lançara, quasi aggressivo, no seu despeito de falhado! E perguntei a mim proprio — se de facto hoje escreveria com a mesma objectividade cega... se atacaria como ata-

quei... se estava satisfeito com a minha propria vitória...

E a resposta foi uma especie de asfixia; a necessidade de me anestesiar com outros pensamentos. Abri então o segundo volume; li o prologo; reli-o; aspirei fundo todos os perfumes orientais que, misticamente queimara, tão igualmente convencido que era justo — como quando carregara, á baioneta, de pena feroz contra o outro... Mas o tempo, como uma lupa, dilatara, desbrochara em claridades, o ente sinceramente lisongeadado então — e comparei-o ás verdades que esse mesmo tempo me revelara... E logo senti a mesma asfixia, a mesma certeza de injustiça, de erro, de equivoco...

Nós, os que fazemos das letras só uma profissão mas também um sacerdocio — ou que as amamos como quem ama um Deus — somos, pelo profissionalismo, com as suas pressas despoticas, obrigados a precipitarmos nas criticas, a acelerarmos a sensibili-



## Semanário de Grandes Reportagens

dade, os nervos, a alma, na soffrega ansia de produzirmos... a quente — com a alma, com os nervos, com o cerebro — deviamos ser mais prudentes quando chegamos ao momento de lavrar certas sentenças condenatorias — ou certas canonizações — precisamente para que, anos, meses volvidos, não soframos o remorso do erro... E entre o ataque exagerado — ao exagerado elogio, embora igualmente brotados pela mesma goliada de sangue puro — o mais doloroso... é ainda o elogio...

E é que — estes são erros que jamais poderemos rectificar...

## Stan Laurel e Oliver Hardy

(Bucha e Estica) ???



O leitor apostava, estamos certos, em que estes dois cavalheiros são o «Bucha & Estica», os famosos cómicos dos filmes americanos—Laurel e Hardy. Pois... se apostassem perdiam! São dois espanhóis que estudaram durante um ano a imitação daqueles dois «azes», e, com tal éxito, que os mais experimentados os confundem. Uma companhia cinematográfica de Madrid contratou-os, e as primeiras comédias tiveram

# A vida íntima de Afonso XIII

(Continuação)



O retrato da artista espanhola a que este artigo se refere — e que graças á queda de Afonso XIII reconquistou o seu trono de arte («Ela» numa cena de um drama que filmou em Madrid recentemente)

### III

UMA noite Andres Gonzalez Blanco saudoso camarada — convidou-me a assistir ao ensaio geral duma peça assinada por um dos maiores dramaturgos mundiais de Espanha—peça que era aguardada numa atmosfera de febre por várias razões—e uma delas era esta: o dramaturgo em questão entregara a obra a uma companhia que estava sendo subvencionada pelo Estado e por imposição secreta do próprio rei. Duas vezes o empresário ocultando as molas que sacudiam as suas decisões, tinha conseguido do autor consentimento para que o principal papel mudasse de encarnação artística. Passara das mãos da actriz A... para as de B e das de B para as de C... Bichanava-se que a única interprete que o autor impunha —era precisamente a que a empresa não contratava... A última hora, porém, com disfarces nas «notícias pagas» dos jornais—aparecera essa actriz á cabeça do elenco. Daí as insinuações, os boatos que rabiavam... E—note-se: esta última era, das três, a única de autentico valor—ao nível do nome do dramaturgo.

Fui. Acompanhavam-nos Diego de San José, o «Rocha Martins» espanhol — sempre envolvido na sua capa romântica, Emilio Carrère e, se não erro, Pompey, o crítico de *La Libertad* e Angel Ghirardo, escritor argentino.

Como sucede sempre, nessas noites de ensaio geral— a sala estava economicamente em penumbra... Entrámos a tatear as paredes e enfileiramo-nos pela primeira ordem de *butacas* que encontramos frente á porta de entrada... Mal adivinhamos uns vultos— espalhados... Eu ia á frente e só estaquei ao chocar-me com alguém que já se acadeirara. Sentámo-nos— aguardando que o pano subisse. Fácil e rápidamente conclui que o meu invisível vizinho da esquerda estava acompanhado— porque, embora em surdina, me apercebi dos seus diálogos, sussurrados fanhosamente.

Mascava-o, indicava-o, como um pirilampo, a braza dum cigarro. Eu tinha o meu apagado—e nenhum dos meus camaradas, por coincidência, trouxe um fosforo. Muito naturalmente, dirigi-me á braza (quási que só a braza eu lhe distinguia) e pedi lume...

Um ensaio geral — em Madrid. — O rei e... eu na escuridão duma sala. — O episódio do cigarro. — A troca de intérpretes. — A razão porque a atriz X... esteve 4 anos sem representar em Madrid

«— Como no...»

«— Gracias...»

«— De nada...»

Havia algo de irónico que me dedilhou os nervos — nas palavras que vinham da sombra... Senti-me confrangido, vagamente angustiado, roçando os ombros com os ombros daquele ente invisível! E esta impressão, tão profunda foi, que não se esbateu durante a meia hora que aguardamos o início do ensaio...

Por fim — matraquearam no palco as pancadas de Molière; iluminou-se a ribalta, subiu o pano — e a hipnose do balta, subiu o pano — e a hipnose do pírito desligou-se-me daquela vaga obsessão... A luz do palco, entornando-se para as sombras da sala, aguava-se, dando-lhes uma vaga claridade... Contudo, ao contrário do que seria natural e humano, a cena imarame com tal magnetismo o olhar — que nem sequer, aproveitando esse reflexo — tive a curiosidade em ver quem era o meu companheiro da esquerda, aquele a quem ficara a dever o favor de me dar fogo... É preciso que, por uma série de coteveladas, chegasse até ao meu vizinho, da direita — Angelo Ghirardo o aviso e que este me transmitisse — para que eu esguelhasse o olhar.

«— Mira quem esta a tu lado, chico... — cochichou-me.

Era Afonso XIII — o rei das Espanhas! apalpei, bronco, estonteado. Não era a primeira vez que o via de perto! Em 1919, em Madrid... Duas vezes, em Barcelona — e comendo na mesma mesa, — pois então!

Se preguntarem o que era o primeiro acto da peça ante a qual eu aguava curiosidade — não saberei dizer... Sei que levou muito tempo — muito — para o pano descer, para eu ter um pretexto airoso para me levantar e sair da sala — sem olhar para trás, esforçando-me para dar a impressão a Afonso XIII que continuava na ignorância de quem estava a meu lado... a quem eu pedira lume...

«— Que honor para ti! — blagueou o grande Andrés! *Al lado de Su Magestade, hein!*

E fumando, pelos corredores, falaram muito do monarca; evocaram artistas, discutiram *potins* que corriam a este respeito... Mas, confesso... confesso ainda não os atendi — tal era o meu nervosismo... É preciso contar que já lá vão uns anos... Eu era então um *niño*...

Mas, por mais profundo que fosse o meu alheamento — não me esquevi á noção do tempo quando, hora e meia passada, o segundo acto não começara ainda! Bem sabia que isto de ensaios gerais... Mas: *hora e meia* — parecia exagêro... a abuso! E os meus camaradas também estranharam... No vai-e-vem pelo corredor — acercava-me várias vezes da porta e espreitava a sala. Nas trevas que de novo reinavam não podia aperceber-me se Afonso continuava no seu lugar; a braza do seu cigarro

é que não voltara a enrubrecer aquela negrura...

Súbito, um actor surge, sem maquilhagem nem feto de cena — vestido já para sair. Alguem lhe pergunta:

«— O quê? Não entras mais?»

O actor esguissou um sorriso desdenhoso — e atraindo a sua volta um cerco de ouvintes, segredou-lhes, em grande mistério, algo que parecia pasmálos... Eu, que não conhecia o histrião — quedei-me afastado. Quando terminou o conciliábulo — Andrés chamou-me e disse-me:

«— Vamo-nos!»

«— ?»

«— O ensaio já não continua! Mais: a peça já não é representada nem amanhã nem tão cedo — e jamais por esta companhia...

«— ?»

«— Logo te conto tudo. Aqui não! Meia hora depois, abancado no café do «Gato Negro» — na Calle del Príncipe — Andrés revelava-me todo o segredo:

«— O último *beguin* de Alfonsito é a actriz G... — essa que tu viste a fazer a protagonista desse... primeiro acto. Depois de esgotar, esterilmente, todos os processos de conquista — entrou na fase do despeito e do rancor — sem desistir das suas pretensões... Vem a perseguição... Usando umas vezes influências pessoais junto dos autores ou empregários, bajojos ante a... consideração de rei — e usando outras os laços de generosos financiamentos, procurou prejudicar, por todas as formas, a carreira da artista cobçada e esquiva. Há ano e meio que ela não consegue trabalhar em Madrid. Ora o autor desta obra — embora realista sincero — não é dos que facilmente se deixam seduzir pelas lérias do soberano. Escrevera para *ela*, e queria que ela interpretasse a protagonista... Temendo não vencer por este lado — capitalizou a empresa e impôs condições... Começou então uma verdadeira *chantage* seguro que assim... triunfaria... Mas pouco depois farejou a derrota — e reviravoltou a atitude — transigindo, achando bem que se contratasse a tal artista... Aguardava esta noite para tudo conseguir — dulcificando o carácter da apetecida amante graças á sua benevolência... E como é exhibicionista — veio mostrar-se, colocando-se em plena plateia... Impaciente — precipitou o *golpe* premeditado, invadiu, a meio do intervalo, o camarim... O que se passou... não se sabe... Os colegas dela escutaram, bisbilhoteiros... Ouviram barulheira, diálogos azêdos, o ruído duma jarra quebrada e... algo semelhante a uma bofetada. Sua Magestade saiu, silencioso e fechou-se no gabinete da empresa. Pouco depois o empresário aparecia e anunciava que... o ensaio estava suspenso e que a obra já não se estreava!

...

Um detalhe, para remate: a actriz em questão, só conseguiu voltar a representar em Madrid em 1928 — quatro anos depois deste episódio!

R. X.

(Continua no próximo número)

# A verdade sobre o heróico episódio do caldeireiro

Em 5 de Abril de 1908

Alguns dos heróis ou mártires que a história nos apresenta como personagens reais, não passam dum produto de imaginação, habilmente aproveitada, para fazer proselitismo a favor dum dado crêdo. Outras vezes não são mais do que um assunto para umas páginas de prosa emotiva, melhor ou pior escrita, segundo a habilidade do autor.

Está neste caso o herói que o escritor Julio Dantas, nos fala no seu livro «Pátria Portuguesa», ao narrar, sob o título «Cruz de Fogo», umas das mais sangrentas jornadas da defuncta monarquia: — as eleições de 5 de Abril de 1908 — realizadas na igreja de S. Domingos.

Segundo a versão de Julio Dantas, um moço republicano, de nome António de Oliveira, caldeireiro de profissão, verdadeiro tipo de iluminado, dum acendrado fanatismo republicano, foi o autor da inscrição, feita com o próprio sangue, que no dia immediato ao da «chacina» appareceu na parede da esquina fronteira à igreja, e que representava «4 cruces, um barrete trigio e a legenda «Viva a Republica». Esta inscrição foi mais tarde publicada nos periódicos — fotografia do falecido Benoliel—e illus-

O que os jornais contam e o que Júlio Dantas escreve na «Pátria Portuguesa.» — A fotografia de Benoliel. — O que diz uma testemunha

tra também o livro daquele escritor dois desenhos de Alberto de Sousa.

Segundo Julio Dantas afirma, foi aquele jóveme herói, que num arranco supremo, mortalmente ferido pelas balas da guarda municipal, já sem forças para descarregar a sua pistola, molhando os dedos no sangue que lhe saía às golfadas, conseguiu ainda fazer na parede a referida inscrição.

Assim ficou immortalizado, como herói dum trágica jornada republicana, esse moço trabalhador, cujo exemplo havia de fortificar a coragem de tantos outros, que à causa da Republica ofereceram as suas vidas.

Há dias, porém, numa palestra entre amigos acerca de outros episódios do tempo da propaganda republicana foi-me contado por um deles — testemunha ocular do massacre de S. Domingos e pessoa que merece o máximo crédito — o que foi esse dia sangrento de 5 de Abril de 1908.

A conclusão a que cheguei, após a sua narração, que facilmente vou transmitir aos leitores do X, é que afinal o herói que o escritor Julio Dantas nos descreve não existiu.

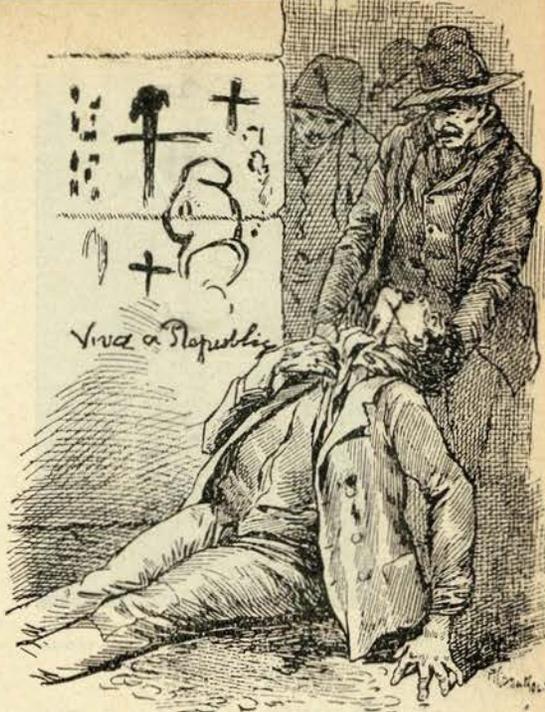
\* \* \*

Contava nesse tempo, o meu amigo, 17 anos e residia com seus pais, na rua de Santo Antão, hoje Eugénio dos Santos 45-3. e da janela da sua casa assistiu a toda a tragédia que se desenrolou no largo de S. Domingos.

Na manhã desse dia, por volta das 9 horas, acompanhou o pai à igreja, onde este foi colocar o seu voto. A concorrência à urna era ainda diminuta. A presidência da mesa eleitoral fora confiada ao prior da freguesia, João Damasceno Monteiro, ao tempo capelão particular da rainha D. Amélia, hoje conego e comerciante. Notava-se um certo contentamento da parte dos eleitores républicanos cuja victoria de antemão era tida como certa, por uma esmagadora maioria. Ladeavam a mesa, sobre a qual estava a urna, duas praças da Guarda Municipal, de baioneta calada.

O meu amigo voltou para casa e após o almoço, possuindo um belo posto de observação, resolveu presenciar o movimento eleitoral, sempre à espera de que qualquer incidente, pois que, dizia-se que os monarchicos fariam as suas «chapeladas», não tanto para evitar a derrota que presentiam, mas para que esta não fosse tão humilhante.

A sua expectativa não foi iludida. Cerca da uma hora da tarde, produziu-se um clamor entre o já grande numero de populares que no largo se encontravam aguardando o resultado das eleições. O clamor aumentou e daí a pouco eis que mais de 20 praças da Municipal, invadem a praça, entram de roldão na igre-



A morte trágica, segundo a «Pátria Portuguesa» de Julio Dantas  
(Desenho de Alberto de Sousa)

como mandam os dogmas catolicos.

Parte das praças da Municipal fazem barragem à porta da Igreja, outras sobem à janela que fica sobre esta, e desja, e distribuindo a êsmo coronhadas fazem-na evacuar.

Assim se esboça o conflito, que em poucos minutos assume as proporções duma verdadeira «chacina» e que havia sido originado por uma tentativa de «chapelada» da parte dos monarchicos, segundo a narração que ao meu amigo fez o próprio padre Fiadeiro. Este, receando que o conflito se alastresse e para impor a ordem manda chamar reforços, mal pensando que seria uma das primeiras vítimas da Municipal, que na ânsia de satisfazer os seus instintos sanguinários, não reconhece o presidente da mesa e quando este tenta fugir pela sacristia é derrubado com uma coronhada, que o leva ao hospital com o cranio fraturado. Derrama-se o primeiro sangue na Igreja, que fica por esse meio interdita ao culto, durante mais de um mês, carregam as espingardas sobre o povo que os ataca a tiro e à pedrada.

\* \* \*

As vítimas são às dezenas, mortos e feridos jazem num mar de sangue. O povo vendo a impossibilidade de resistir foge espavorido. O Rocio é varrido pela policia e dentro de meia hora no Largo de S. Domingos, não se veem mais do que as praças da Municipal policias, e os corpos daqueles que haviam pago com a vida, o seu amor pela Justiça e Liberdade, que a Republica lhes daria.

Um dos feridos cai junto dum candeeiro que existe em frente da sucursal da Companhia União Fabril, candeeiro que já então existia, no mesmo lugar. Onde é hoje a sucursal da Comp. Fabril, havia uma casa de especiarías a «Nova Pekim», cujo proprietário um tal sr. Matos, tinha como reclamo um enorme

(Continua na página 14)



António de Oliveira rondando S. Domingos  
—segundo o desenho de Alberto de Sousa

# O Espectro do Cemitério de S. João

e qual o seu segredo

Os vizinhos do cemitério ou os vivos que perderam o medo dos mortos.— O Espectro e os passeantes nocturnos.— O anão que sonha por amor. Uma novela sentimental.— Um rapto em pleno Carnaval.— Viu o António?



O «restaurant» da Morte: À vala comum do Cemitério de S. João

QUANDO o Município de Lisboa fez o cemitério do Alto de S. João — entre essa cidade da Morte — e a «cidade dos vivos» alastrava-se um imenso descampado... Lisboa terminava, pode dizer-se, no Intendente... As multidões que da provincia vieram para a capital, umas por fastio da monotonia da vida que levavam nas suas terras sonolentas — e atraídas, portanto, pela sedução das luzes e lendas de ininterrupto festim da «grande cidade»; outras azougadas pelo natural espirito de aventura, espirito da raça — vindo para Lisboa na crença de conquistarem a Vida — como podiam ir para o Brasil ou para a China — mas sem posses para audacias tão longinquoas — dilataram a capital, multiplicaram, vertiginosamente, a sua população — Lisboa, estalando as suas cintas, começou a brotar do solo, bairros e mais bairros... Da Avenida Almirante Reis irradiou um casario compacto — que caminhando sempre foi perturbar o isolamento, o silencio, o sossêgo do Altot de S. João. E os habitantes desses bairros vizinhos do cemitério, pelas noites amenas e suaves, vão passar frente às muralhas que guardam centenas de milhares de cadaveres, insensíveis já à ideia afitiva essa proximidade macabra...

Um cemitério, seja um jardim de poucas cruces, numa aldeia, seja quasi um «potentado de mortos», como o de Montparnasse — onde, segundo os calculos de certo jornalista funebre, se enterraram, até hoje, doze milhões de ex-individuos de ambos os sexos — têm sempre algo de portico para o Mistério d'Além...; e este vago pressentimento provoca, com mais ou menos intensidade, um arrepio de terror — o terror do maior dos misterios...

Mas os vizinhos do Alto de S. João ganharam, como os coveiros, o indifferentismo pela morte... Não conhecem esse *frisson* dos cemiterios... E todos eles conhecem o «Espectro do Alto de S. João» — conhecem-no de o verem rondar pelos muros, como alma penada, fugida do tumulo... Conhecem-no — não se apavoram ao encontra-lo nem investigaram a sua historia... Um acaso fez com que nós... Mas não nos precipitemos...

## Os anões do circo Bonneli

M. DE G. foi um amigo que eu perderei de vista ha muito tempo. Encontrei-o, ha uns anos, num hotel modesto de Barcelona, e soube depois que era comerciante de teres na praça de Lisboa. Eu fa em passeio, numa excursão de estudantes, que falhou, e poude regressar a Portugal graças à intervenção generosa e fidalga, do saudoso embaixador Melo Barreto. Encontrámo-nos numa «rambla» e ficámos amigos.

Os nossos quartos eram contiguos — no primeiro «piso» do Hotel Victoria — pouco exigente, em preços, — mas decente e limpo.

Nos outros quartos vizinhos acampara a minuscula companhia do «Circo Bameli», constituída por vinte e cinco anões, que mostravam todas as noites as suas habilidades, numa pista luminosa

Uma manhã, a «guardia civil» entrou e o hotel extorceu-se em alvoroço.

Ivan, — um anão de vinte e oito anos, com sete palmos de altura — foi prêsso acusado de ter roubado da caixa do Banco Hermanos Flores mil e duzentas pesetas.

Soube-se mais tarde, que ele havia roubado esse dinheiro para oferecer uma joia, a certa coupletista, que esteve ha pouco tempo em Portugal, e a quem Ivan amava sobre todas as cousas!

Esta historia desbobinou-se-me da memoria quando ha dias, na baixa, encontrei M. de G., cuja fisionomia me havia já passado da lembrança, apagada na visão de mil casos diferentes, que um reporter encontra na sua marcha através da vida.

## Um encontro e um assunto. O «espectro» do Alto de S. João

M. de G. convidou-me a jantar em sua casa, na R. Morais Soares. Fui até lá. Falámos de mil assuntos e confessei-lhe entre outras coisas que entrara para esta triste vida dos jornais.

M. de G. olhou-me com bondade, e acostumado a auscultar as almas por diletantismo do seu espirito excepcional de bom observador, abriu os seus olhos muito grandes e apoiando as mãos sobre os meus ombros, disse-me: — Conhece o espectro do Alto de S. João? — Ah, não. Pois vou mostrar-lho; dar-lhe-á com certeza um artigo inedito para o jornal.

Saimos os dois, sem trocarmos mais palavras.

Lá em cima, junto ao muro que circunda o cemitério destacava-se um vulto, negro, colado rente à parede.

M. de G. apontou-mo:

— Vê, além? E' o espectro do Alto de S. João!

Senti um arrepio, que disfarcei sob o «loup» da maior serenidade.

Avancei e pude ver então uma mulher, de preto, alta como um cipreste, em solilóquio, sósinha, junto ao muro muito alto.

Dirigiu-se a nós. E sem dar tempo a uma pergunta nossa, interrogou:

— Viu o António? Ele disse que não se demorava! se calhar não se demora!

M. de G. fez-me sinal para que nos afastássemos. E principiou então contando a historia verdadeira do «espectro».

## Um rapto à maneira de novelas

O «espectro» chama-se D. Maria Augusta de L.

Casara no Algarve com A. X. de L., que era ao tempo caixeiro-viajante da firma de que mais tarde se tornou socio e que ainda hoje existe numa das ruas da baixa.

Fôra um casamento de amor. A familia dela opunha-se, por questões de bens e de rixas antigas.

E uma certa noite ela desapareceu de casa. Fôra raptada e viera para Lisboa.

O casamento legalizou depois aquella situação.

E passaram vivendo, entregues a um amor que se diria eterno, numa casinha risonha perto do Lumiar.

O tempo passou sobre eles e sobre a sua vida, que decorria feliz e tranquila, sem grandes altitudes nem descidas em vertigem.

Até que certo dia — era pelo carnaval — foram a um baile, a uma casa, perto do Alto de S. João.

A' saída, um mascarado, acercou-se do marido de D. Maria Augusta.

E dizendo que o conhecia, dando-lhe dados certos da sua vida e negocios, pediu-lhe que descesse um pouco para lhe revelar quem era.

Foram os dois. Mas o marido nunca mais voltou.

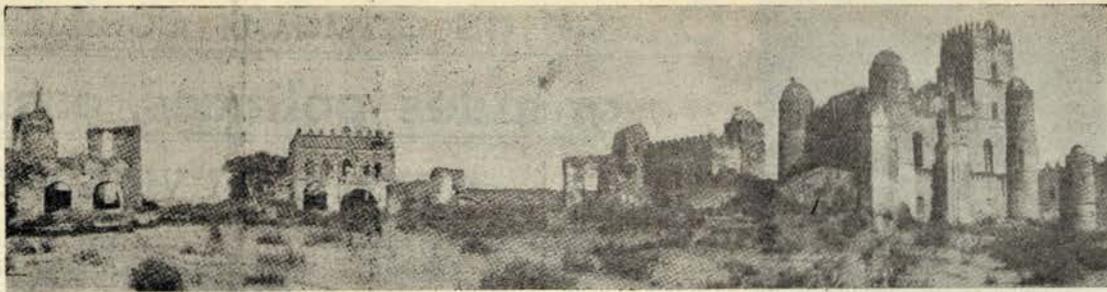
Os jornais fizeram ruído sobre o caso — foi isto ha quinze ou dezasseis anos. — Nunca, porém, ninguém soube o destino que levará o sr. A. X. de L., após ter partido de junto da sua esposa, naquelle domingo gordo.

Desde esse tempo, D. Maria Augusta, o espera — doída mansa — junto ao muro que cerca o cemitério do Alto de S. João.

E noite velha, quando até dormem as estrelas, passeia como um espectro ao longo dos brancos muros, preguntando aos raros noctivagos que por ali circundam:

— Viu o António? Ele disse que não se demorava. Se calhar não se demora!

GONÇALVES PRETO



Vista Geral de Gondar (aspecto actual)

## A propósito do conflito italo-abissínio

# Quem são os «Portugueses de Gondar»

**N**O «restaurant», vizinho ao jornal, onde, todos os dias, por comodismo, vamos comer o nosso bem ganho bife do almoço — temos, como companheiro de mesa, um simpático comerciante italiano, anafado, risonho, mais barítono de que tenor (existe o convencionalismo de que todos os italianos são, no estrangeiro, física e vocalmente, tenores) bom cavaqueador, falando, segundo a teoria de Eça, *patrioticamente mal os idiomas alheios*... Somos bons camaradas — tão bons camaradas que ele transige com as nossas *blagues* anti-fascistas e nós não nos arranhámos quando ele queima, *in-voci*, toda a pirotecnia em honra do Duce...

Nos últimos dias — o *ménu* da nossa palestra foi quase totalmente preenchido pelo conflito italo-abissínio. Hoje desabafou:

«—Mesmo que V. tenha razão! Que tudo o que se passa na nossa fronteira com a Abissínia, seja um pretexto — artificial, provocado, para que se conquiste terreno? E então? A Itália está atafalhada de gente — gente apta para trabalhar — gente que... *come e vive* — e o nosso terreno não chega para a população! E' razoável que um país, como a Abissínia, rico, cheio de tesouros, que pode oferecer trabalho a centenas de milhares de indivíduos — e com vantagem incalculável para as necessidades da Humanidade inteira — despreze essa riqueza, indiferente, insensível, ao bem estar universal — egoísta na sua ventura morna, feudal, deixando perder o que... não necessita — podendo oferecer faina, felicidade, bem estar às multidões desempregadas — às que vivem mal por estarem congestionadas em estreitas terras anémicas, esgotadas como seios que alimentam ninhadas numerosas?»

Uma garrafa de bons *hors d'oeuvre* ... à *milanaise*, preparada exclusivamente para ele — e um *áparte*, com o torax dilatado — porque ia falar de Mussolini: «—Estou falando... falando — mas ignoro os planos do Duce! Ele é que sabe as linhas com que se cose — que são sempre as melhores para os Destinos da Itália! Mas — diga-me cá: se a Itália entrasse na Abissínia, ocupasse minas, explorasse terrenos — desprezados até agora e de fácil cultivo — se desse trabalho a muitos milhares de homens (italianos, bem sei, mas os italianos pertencem à Humanidade, hein?) — favorecendo, simultaneamente, a economia da Abissínia; fornecendo os mercados de todo o

que há trez seculos influem no espírito dos Negros da Albyssínia, orientam a sua politica interna e externa, — mantêm a xenofobia do Imperio negro — e que os italianos accusam de principais instigadores do que se passa actualmente entre os dois paizes? —

mundo com artigos encarecidos — não realizava uma obra útil para todos?

«E sabe o senhor quem é a alma... satânica de todos os governos abissínios; a influência forte, da inimidade constante — e antiga da Abissínia contra a Itália; quem preparou *tudo* — nos últimos acontecimentos e que continua a fermentar a xenofobia naquele país? Compartiotas vossos! Sim meu amigo! Um punhado de portugueses mais intransigente que o Negus. Vários jornais de Roma e de Milão já os denunciaram — alcinhando — os «portugueses de Gondar»! Já se vê que eles não tem ligação com Portugal! São portugueses despaísados!

«Ah! Quem são esses portugueses! Há mais de três séculos que eles conseguem dominar todos os Negus — sejam eles quais forem! Porque lhe chamam os portugueses de Gondar». Porque foi em Gondar que eles... Mas eu conto!

### Quem são os «portugueses de Gondar»

E contou. Gondar é a antiga capital da Abissínia, considerada cidade santa, rígida sob a custódia da história e tradição etíope, celebrada pelo pitoresco accidentado, onde se encontram os seus castelos e que teve a sua origem entre 1600 e 1700, *mercê dos esforços dos jesuítas portugueses*. As suas construções de hoje, sem perder, logicamente, as características de uma capital do país negro, a estrutura topográfica, orográfica e hidrográfica da região circundante, fazem uma cidadela bastionada, como uma espécie de fortaleza de sistema defensivo, organizado segundo o costume da época o que lhe dá o aspecto do século XIII e o caracter ocidental da cidade.

Gondar nasce nesta planície, vasta e varia, sobre os países do Amhara e Gogiam, no coração do império salomónico.

A sua edificação deve-se a um Negus chamado Fasil, filho de Suzenios, baptizado católico pelos jesuítas portugueses, o qual governou em Deukez, localidade a 30 quilómetros de Gondar, de 1610 a 1640. O filho sucedendo-lhe escolheu Gondar como residência real, luxuosa e amorosa, imponente e festiva... Começo por mandar erigir o palácio real no qual trabalharam operários abissínios e sob o seu projecto, com o auxilio de especialistas portugueses chamados pelos jesuítas ali residentes, em grande quantidade.

A residência imperial construída em 1640, rápida e faustosamente completada e circundada de numerosos castelos para além dos quais existiam uns bosquesinhos sagrados e no centro numerosos templos dos quais ainda hoje se podem admirar as ruínas.

São testemunhos desse grandioso passado as ruínas e incurias das muralhas e bastões que causam uma tristeza enorme.

A vastidão do território e o escasso sentido da responsabilidade não são os únicos culpados: as tradicionais desavenças entre os chefes pensando constantemente numa guerra de usurpação, a história tumultuosa da sucessão dinástica, a grande ignorância e incivilidade das massas e das milícias impelindo-os para o sangue e para o nomadismo, o atraso da civilização no que diz respeito aos costumes, contribuíram para o seu esfacelamento. Além disso, nos bastões anicham-se os selvagens, nos bosques escondem-se os animais ferozes, enquanto que a casa das concubinas reais, o estádio desportivo dos Príncipes, as pontes, a residência dos governadores e o castelo do Ras Miguel Sehell, são apenas achados arqueológicos. O povo vive, miseravelmente, em tugúrios e a pobreza difunde-se de cada vez mais.

«Mas os portugueses...»

«—Os portugueses, resistiram, o tempo que puderam, à decadência de Gondar. Seguros do seu poderio moral junto dos senhores feudais — (a Abissínia conserva um feudalismo mediável — apesar de toda a sua europanização!); mantendo sempre, junto dos *gran-senhores*, conselheiros influentes; e sitiando o imperador ou a imperatriz com os seus mais sábios plenipotenciários — formavam uma espécie de Veneza minúscula, defensora, protectora, graças às suas forças acultas e ao seu tato diplomático, dentro do pró-

(Continua na pág. 14)

# O que os criados, cosinheiros e grandes políticos, escritores

## CONTAM DA VIDA INTIMA

Portugal amolenga-se e parece ameaçado de catalepsia... Verdade é que, na múltipla concorrência, essa sofreguidão sensacional de novidade, de originalidade, de triunfo — assemelha-se a todas as cobças humanas, exageradas até à loucura colectiva do egoísmo — a que esgotou o ouro da Califórnia, o petróleo de Texas e os elefantes da África equatorial... Se não a travarem — em pouco tempo a árvore secará...

Basta que um jornal de New-Belford ou de Torino, de Moscow ou de Caracas — julgue encontrar um novo filão — para que, imediatamente, milhares de jornalistas, de centenas de gazetas, de dezenas de países corram, num vôo de abutres, a depenicarem na ideia, a adaptá-la, a copiá-la... E quantas vezes — como agora — não é preciso que a novidade tenha a pureza imaculada duma virgem... Basta que um se lembre dum assunto esquecido, que o electrize com fluidos modernos... E o exemplo que serve de eixo a estas páginas é bem significativo...

### Grandes homens e os seus creados

Jacob Levy, o historiador francês, disse no seu livro «Napoleon Intime» que não havia grandes homens para o seu «criado» — frase que espilhou nas memórias dum tal Talvanqui, que foi barbeiro do imperador de 1806 a 1810. Esta frase instigou muita bisbilhotice vampirizada pelos devassadores das intimidades dos «Grandes-homens» aos que os serviam com profissões humildes, aos criados, cocheiros...

Um reporter americano, no ano passado, ressuscitou o «género» — e publicou em «Chicago Magazine» uma longa série de entrevistas com os locais de políticos, escritores, artistas, do seu país. Tanto bastou para que a Inglaterra — em «The People» e «John Bull»; na Alemanha — em «Die Woche», em França, na Itália, na Dinamarca, na Bélgica — e até na própria Espanha — na «Estampa» — a falha dos assuntos levassem os cronistas a plagiar aquele colega yankee.

Conseguimos reunir uma mão cheia dessas indescricções — e porque, de facto, algumas oferecem o mel satânico de revelações inesperadas; e outras nos orientam para uma antropologia séria sobre certas individualidades que nos interessam mas de que apenas conhecemos a cenografia dos seus aspectos exteriores — vamos seleccioná-las, embora a consciência nos segredre que... ao fim e ao cabo, macaqueamos também o camarada do «Chicago-Magazine».

### Os ciúmes e os calos da rainha da Holanda

Começemos por uma soberana — por ser dama e rainha: a Guilhermina de Holanda. Uma aldeã carnuda e de vermelhos rados nas faces — a serviu desde amenidade — pelo facto de ser a filha da ama de leite de Sua Magestade. Chama-se Marguete Claveed, conta 50 anos — e viveu no Palácio Real de Haya durante 45 anos! A rainha permitia-lhe liberdades que nas côrtes medievais eram concedidas aos bôbos — até ao extremo

Um «pedicure» jay Estado da Rainha rice Chevalier de Printemps e Sacha Mulato e as suas bre Pombal. — A Marquese de Tav bito da real am me II, revelado pe — Os peiscos pra casaco de Mac-E nomias do seu la mãos Quintero



Pirandello grande escritor italiano

das damas aristocráticas se enciumarem ante tal favoritismo... Não se sabe porque — Marguete foi a Paris, há meses — e hospedou-se em casa dum dramaturgo holandês — Henry Kitchmarcker, que há muitos anos é considerado francês e que só em francês redige as suas peças. Referimo-nos ao autor da «Labareda», de L'Occident, dos «Exilados» (criação admirável de Lucilla Simões, em Portugal). A causa dessa hospedagem foi um vago parentesco existente entre ela e uma governante do escritor. Frequentava a casa de Kitchmarcker um jornalista francês, de esplendido faro e que espreitou logo matéria preciosa nas palestras com a velha Marguete. E puxando-lhe pela língua — obteve, entre outras, as seguintes revelações:

«A rainha é uma burguesa de alma, pouco gulosa dos faustos da côrte e muito amante do seu cantinho, dos seus bordados, das suas leituras. Os seus livros predilectos são romances policiaes ou ultra-sentimentais. Conserva na alcova quasi toda a obra de Dumas, pai e de Conan Doyle. Mas é autoritária, masculinizada — e nos poucos anos de casada o marido sofreu um verdadeiro tormento. Ela não lhe permitia a mínima liberdade ou desobediência; e quanto a ordens, uma única vez que, elle tentou impôr-se sofreu tal vexame — que teve de se arrepender. E contudo — ela ama-o, como uma burguesa honesta que é. A prova está em que quando o príncipe-consorte, se decidiu um dia (pouco depois do nascimento da princesa herdeira) conquistar, a qualquer preço, a sua situação de marido — ella, surpreendida pela energia máscula que o esposo lhe demonstrou — deixou logo cair a máscara, humilhando-se como... qualquer mulher que ama e que vê a sua ventura ameaçada.»

Marguete, que era a única pessoa que tinha entrada livre e permanente nos aposentos intimos da rainha — assistiu ao preambulo da «comédia» — e assim a contou ao jornalista — sem prever que o indiscreto reporter iria reproduzi-la na sua gazeta: «O marido — ante as atitudes altivas e intollerantes de S. Magestade — adoptou uma attitude: a da indiferença, a do silêncio; a do desprêso. Mal corria a cortina do protocolo — não lhe dirigia palavra, não escutava o que ella lhe dizia; o seu rosto não espelhava a mesma repulsa ou tristeza — (quanto muito

# barbeiros dos imperadores, e artistas famosos, etc.

## OS SEUS ILUSTRES AMOS

Segredo de landa. — Mauresso. — Ivonne Itry. — Mendes afidencias sôta Elvira da — O mau habito — da real am me II, revelado pe — Os peiscos pra casaco de Mac-E nomias do seu la mãos Quintero



George Crower barbeiro de Mac Donald

ligeiro sorriso de ironia) — e afasava-se do palácio, a todos os pretextos, esquivando-se a explicações... Ele óprio criou a lenda de que frequenta, secretamente, certas artistas de putados encantos físicos... Os boatos blaram até S. Magestade se aperceber — ella fechou-se todo um dia na sua tova, só comigo, e Deus do Céu! — que ella me disse! Nunca a tinha visto sim! Cheguei a temer que, quando o sposo chegasse — houvesse escândalo! as elle chegou — calmo, sereno, indifferente — e foi preciso que ella lhe emisse vários recados para que apparecesse. As primeiras frases coléricas — marido fitou-a, em silencio, e fez apenas um sinal que se calasse...; mas mo ella insistisse — reviravoltou-se e m a mesma fleugma com que entrara safu! Pela primeira vez a vi chorar! E raçou-me! E desabafou comigo, em rmos que demonstravam de que se quecera de todo o seu orgulho e de... e eu era apenas... uma criada... Que amava! Que não podia aceitar, a hipótese sequer que elle quizesse a outra alher... Nessa mesma noite — repetiu chamamento — mas sem êxito. Elle ira do palácio — após o jantar... Só is noites depois fizeram as pazes — ando ella se humilhou... como mulher deixando, na intimidade do seu lar de esposa — de ser rainha para ser rnar... a burguesinha sentimental, que mpre quis occultar...»

São doze os artigos congestionados las involuntárias indescricções da criada Rainha da Holanda; mas duas istem que nos tentam citar... Primei: os seus calos! Sofre horrivelmente os pés — e sofre, sobretudo, porque constante exhibicionismo a que é rigada não quer revelar as suas dôs. Os sapateiros e os pedicures am numa roda viva... Uma vez — em 32 — constando-lhe a existência dum lista japonês, em Paris, que operava lagres, fê-lo deslocar até Haya para tratar, pagando-lhe o que elle lhe exiu — e sobretudo preocupando-se em e não transpirasse o facto — que não soubesse que ella... tinha calos. Consiu a missão de contratar esse espilista oriental um autentico diplomata pessoa da sua maior confiança... empre existem segredos de Esta...!!!)

A outra — refere-se à gordura! O ilor desgosto da rainha era aquella nstante dilatação de carnes, que a tor-

nam cilíndrica... Mandou construir na sua sala de banho uma espécie de cubículo onde guarda uma balança, pesando-se duas ou três vezes por dia... Basta que ella lhe denuncie o aumento de algumas grammas para ella se enfurecer...

Que se visione a sensação que estas — e tantas outras revelações — causaram na opinião pública holandêza. O jornal francês que as editou está interdito na Holanda. Quanto ao destino da pobre Marguete, a involuntária causadora deste escândalo — ignoramos... Mas não é de crer que tivesse regressado à intimidade da soberana; e se voltou — que esteja com o crânio intacto!

### Chevalier do avesso e o segredo do divorcio de Sacha Guitry e Yvonne

O mesmo jornalista francês, conseguiu, a troco de uns cock-tails untar a lingua ao barbeiro de Chevalier — o risombo, o gracioso, o sempre bem disposto artista, o «az» do «music-hall» e do cinema mundial.

«Mr. Chevalier — declara o «Figuero» — é muito diferente do que o público pensa... Quem quizer conhecê-lo — é... ter a pouca sorte de o servir. Rabuja, implica com tudo — e com todos que estejam às suas ordens. Nunca está satisfeito — e é, no fundo, um neurastênico! Muita gente pensa que Chevalier é um pandego, um boémio alegre, um esbanjador... Isso sim! Para elle tudo se cifra no dinheiro. Dinheiro! Só lhe interessa a glória pelos contratos quantiosos que lhe proporcionam e mais nada! Quando elle fala no «Grand-Imbecil» — já se sabe que se refere ao público!

«Quanto a boémia... é uma história! É comodista, sonolento, inimigo de festas — sobretudo se tem que gastar um centimo. Mal sai do teatro — despede-se da tribu de admiradores que o cerca, pretextando uma entrevista amorosa... (que elle cerca com meias-palavras de mistério) ou dalguma soirée em casa dum fidalgo ou duma noitada com amigos de New-York — dá um endereço fantástico ao chauffeur — mas este já sabe que o vai deixar, direitinho, em casa onde se deita imediatamente. Levanta-se relativamente cedo. Eu tenho ordem para lá estar às 9 e meia... Sou pontualíssimo — mas elle tem sempre algo para reportar: ou que o fiz levantar demasiado cedo — ou que me atrazei e que, por minha culpa, chegará tarde ao rendez-vous marcado. Uma vez tem o capricho de me obrigar a barbea-lo dentro do banho... Saio de lá sempre com dores nos rins! Não se ri, não tem uma palavra amável! Jean, o criado que o serve há muitos anos, é um martir... Dentro do banho — e ao mesmo tempo em que eu lhe escanho a cara, bebe águas minerais e depois... uns copos de certo licor! Está sempre a mirar-se ao espelho... Se, por acaso, encontra uma ruga ou vê olheiras — enfurece-se, descompõe toda a gente... O mais interessante é quando, já vestido, começa a fazer caretas ao espelho, a ensaiar sor-

Mac Donald, ministro inglês, cujas intimidades burguezas o seu barbeiro revelou agora



risos, macaquices — para, ao sair, encontrem o mesmo Chevalier que surge nos palcos e nos «screens»... Mas mesmo a fazer sorrisos e caras agarotadas não estanca o seu mau humor e continua a rabujar.

Uma criada de Yvonne Prinmptens, a ex-esposa de Sacha-Guitry — foi engançada pelas habilidades duma «jornalista» do «Intransigeant» — Cecile Robert:

«— De tudo o que posso contar dos dez anos que servi Madame Yvonne — disse a criada — o que mais estranho é, sem dúvida, um diálogo que surpreendi entre ella e o marido — um mês antes de apparecer nos jornais a noticia do divorcio. Estava eu a ajudá-la a pentear — quando Monsieur Sacha veio sentar-se ao seu lado. Beijaram-se, trocaram palavras tão ternas como as de dois noivos — e por último elle perguntou-lhe: «— Já pensaste bem no que te propuz ontem à noite?» — Sim! — respondeu — E estou de acôrdo! Acho uma boa ideia! — E qual não foi o meu pasmo ao ouvi-la discutir, nuns modos meigos, a separação — sobretudo no referente a negócios... «É preciso — lembrou Madame Yvonne, cuidar bem do reclame.» — Não te apures! — interrompeu o marido. — Tenho um plano já traçado. Já falei pelo telefone com o Brick (o secretário) e com um rapaz de Comédia. Vamos começar pelos boatos. Eu desminto-os; tu deixas uma dú-



Marlene Dietrich, estrela de cinema que, segundo a sua criada é uma fea de génio e invejosa das colegas

O ex-imperador alemão adora os bons peiscos — mas a imperatriz não os deixa comer! — diz o cozinheiro...

«MAGAZINISMO» sensacionalista, ou seja a reportagem extravagante que os ingleses criaram com paradoxal solemnidade — há cinquenta anos — através dos imprevisos inquiridos de Salm Meyer e de John Weekes; a que os franceses deram, depois, um sabor espiritual, aligeirando-os como se os recheassem de éter; e que os americanos, os yankees, espalhafatosamente exageraram — nunca teve, em Portugal, um culto característico, original — nem sequer liberto da macaqueação servil e inferior... Excepções — formam a regra... Tivemos, nos alvares do século, alguns reporteres — como Saramago — do «Dia», que conseguiu assistir ao escandaloso (e secreto) casamento do célebre «Homem das mãosinhas» — um fakir de águas furtadas, que com fosquinhas, teclando os corpos doentes com os seus dedos privilegiados, os curava à la minute (casamento que Saramago revelou em todas as suas peripécias, fazendo-se passar por official do registro...); Santos Tavares que, nas «Novidades» lançou, em primeira, o sistema das «entrevistas»; Jorge de Abreu, e poucos mais... Hoje, em dia, à medida que o «magazinismo» sensacionalista atinge, lá fora, o vértice, num entrecchoço maravilhoso de trouvailles, num duelo constante de ineditismos, de audácias — em



Os irmãos Quintero «jama» as suas creadas... inconfidentes

vida. Depois insiste-se na eminência da nossa separação. Novas perguntas dos jornalistas. Tu dirás que se trata apenas de um mútuo-acôrdo consequente de divergências de carácter — Eu acrescentarei que... se nos separarmos continuaremos a ser amigos na mesma. Contudo não convém dar o golpe final sem fecharmos o contracto com a América — porque a incerteza do público valoriza-nos e dá tempo a discutir os preços... Eu calculo que, para publicidade temos de contar com uns 50.000 francos — sem falar nas agências telegráficas que espalham a noticia para todo o estrangeiro.»

### As inconfiências das criadas portuguesas

Os cronistas portugueses também podem contar destas bisbilhotices da criação «de Grandes Senhores» — escutando as inconfiências, embora dispersas, dos seus servidores — buscando-as aos mais recuados séculos. Temos o «Mendes Mulato» que, se não erramos, transparece, numa efêmera citação das «Noites de Insônia» de Camilo — homem de confiança do marquês de Pombal, nos últimos vinte anos da vida do gigante, cruelmente admirável — e que, mal se bichanou a queda do seu pedestal — veio badalar os segredos da intimidade do ministro: «Mal entra em casa — disse ao escreverem como dito por elle — começa a gemer, sem explicar porque geme; desconfia de todos; quer as portas bem fechadas; e obrigou-me, muitas noites, a dormir sobre um cobertor, junto ao seu quarto — «mas com pistolas e que estas não fôsem de gaguejar à última hora.» Que todas as noites, o grande Pombal — tomava clisteres — e, afirma Pedro Romano, o autor do *panfleto* (como hoje lhe chamariamos) onde o Mendes Mulato golfou as suas ingratas indiscrições — «tão agonizantes são os pormenores destas familiaridades do tirano que por decência não as contamos.»

Temos também uma negra — Elvira — escrava da Marquesa de Tavora, que certos historiadores insinuaram que foi assassinada, por temer as suas curiosidades, no período da conjura contra D. José — e a que outros atribuem também inconfiências, após a execução dos amos — segundo as quais, a ex-vice-rainha da Índia gastava, a-pesar-da idade, umas boas duas horas na sua *toilette* — possuindo o mais variado e imaginativo *stock* de apetrechos, chomços, etc. — da época; que a nora passava a vida a mastigar pastilhas perfumadas — lutando contra o olfato podrido (defeito que muito prejudicava a sua influência na alma... e no olfato do seu real amante); e o detalhe plebeu... que o ex-vice-rei só lavava os pés pelas mãos... da esposa — cêna, pouco palaciana, a que ela, a Elvira, assistira várias vezes...

### Das gloseimas do ex-imperador Guilherme à mandrice de Remarck

Nessa concorrência actual de entrevistas com criados — uma das mais pitorescas — é que um tal Yvan Kleben conseguiu com o cosinheiro de Guilherme — o ex-imperador da Alemanha — o homem-sinistro que fairsou a Grande Guerra. «— Sua Magestade está proibido pelos médicos de certas comidas — mas a imperatriz, é tão severa, que o sujeita a um regimen mais severo ainda do que o imposto pelos doutores. S. M. a Imperatriz está no convencimento que se sentará no trono imperial antes

de 1940 — e que o Esposo viverá até aos noventa e cinco anos. Ela, tão crente — deixou-se suggestionar por uma dama russa afamada pelas suas profecias — a qual lhe garantiu este seu destino. «Mas que um perigo ameaçava o Imperador: o da alimentação! *Só qual-quer transtorno gastrico impediria as suas visões proféticas!* E a Imperatriz se obseca em vigiar o Esposo e obrigá-lo a um regimen quasi inquisitorial! Mas o Imperador que se tornou guloso, sobretudo *gourmet*, amigo de acespipes, aguando precisamente as iguarias que lhes estão proibidas! E então parece uma criança... Sempre que se sente aliviado um pouco da vigilância que o cerca — abre armários, depenica nos doces, tira torrões de açúcar do assucareiro, — e quando se sente mais à vontade, «tem a audácia» de entrar na cozinha e de me exigir a mim e aos seus auxiliares — «pequenas provas» dos petiscos mais indigestos que estamos preparando. Quando a Imperatriz sabe — manda-nos ralhar mas nós que havemos de fazer?»

O caso de Guilherme II não é inédito. Bourliert, o criado de quarto de Luís XVI conta no seu livro de memórias... inconfiências — umas *garotices* um outro, o Salema, do «variado elendo» marido de Maria Antonieta — como co» dos vassallos de D. João IV nos



Bourliert, criado de Luis XVI que publicou um escandaloso livro de indiscrições.

revelou que Sua Alteza andava pelos salões, com frangos assados, embrulhados em lenços, embolçados nas calças — trinchando-os depois com os dedos, às escondidas, nos vãos das janelas.

O barbeiro de Mac-Donnald — o «cheffe trabalhista» e «primeiro» do governo britânico, diaphanizou também as intimidades do seu illustre cliente: «Levantava-se cedíssimo e até à hora de começar o que elle chama a «sua exposição», ou seja a «ida pública e política» — conferências, entrevistas, visitas, Parlamento, Ministério, Palácio Real, etc. — fecha-se numa parte reservada da sua casa — e só a família e uma velha criada passa a fronteira — alem... da minha pessoa... Os próprios secretários — aguardam-no... na outra parte da casa — até às 9 ou 10 horas da manhã. Quando os atende veste já um *robe de chambre* e um *pijama* — e isto já representa uma artificialidade — um esforço — porque até então trabalhando, tomando o pequeno almoço com a família — ou deixando-se barbear — veste um velho casaco, esfiado nos cotovelos

ou então enverga, sobre a camisa, um velhissimo sobretudo cossado e enodoado — tal e qual como no tempo em que era um simples guarda-livros com várias escritas a fazer — e poucos rendimentos para luxos íntimos. Quando lhe anunciam uma visita de maior protocolo — embora com direito à sua intimidade, a esposa e a filha chegam-na a vestir com um pijama de seda e um *robe-de-chambre* vistoso — mas é com evidente tristeza que elle abandona o seu velho casaco ou o seu velhissimo sobretudo...

«O pequeno almoço, em família — a que tenho assistido várias vezes — é dum pitoresco adorável. Ninguém diria que o chefe... é chefe do governo dum país como a Inglaterra. Discutem o valor da manteiga ou da compota de ginja — como nas nossas casas: «— Esta manteiga não tem o mesmo sabor da outra!» — protesta elle. «— Pois sim! outra!» — protesta elle. «— Pois bem!» — explica a esposa — Mas a outra aumentou meio shelling...»

Vamos aos escritores... Luís Carnés entrevista — para a «Estampa», de Madrid, as duas criadas dos irmãos Quintero, os comediôgrafos mais populares da Espanha, autores de centenas de peças — e dos «Cinco lobitos», actualmente no cartaz do Nacional. Graças às suas inconfiências sabemos que os grandes comediôgrafos gostam de escorepuchar as suas «copitas de mazanilla» durante, o trabalho; que dialogam os dois como se fôsem os personagens das obras — quando as escrevem para que não se *faça limpeza*... quando vem; que fecham o escritório à chave têm uma comédia em mãos; que são contratados por dezenas — pretendentes a artistas de teatro ou de cinema — e que raro é o dia em que não recebem duas ou três visitas no género...

A criada de Benavente — só se queixa de uma coisa: que «su señorito», tão falador cá fora, não dá uma palavra em casa — embora passe a maioria das horas no seu lar... A de Pirandello — queixa-se do contrário: «— Meu amo nunca se cala — nem mesmo quando está só; nem mesmo quando escreve. Escreve falando alto, rindo, aplaudindo, insultando-se — conforme lhe agrada ou não o que produz.» O criado de Ernesto Maria Remarque o célebre romanista de «Nada de novo na Frente Occidental» — criado que foi seu antigo camarada das trincheiras — apenas se lamenta de que o patrão mandreie tanto. — Não calcula — desabafou a um jornalista do *Die Tage-Zeitung* — o que é aí de pedidos para elle escrever livros, artigos, peças, enredos para cinema! Antes de elle se estrear — passámos muita necessidade... Bruscamente a sua primeira obra fez cafadouro fortunas sobre fortunas. Só um editor inglez deu-lhe: 400 libras — de sinal! Isso sem falar de cinema! Depois... depois — tudo a encomendar-lhe trabalho, a aumentar as ofertas — e elle... passa os dias deitado num sofá... Para escrever o «Depois» — foi preciso que eu lhe tirasse do escritório esse móvel maldito — dizendo-lhe que não o devolviam enquanto não terminasse o romance. E então, sim: escreveu-o em dois meses...»

Depois de ler tôdas estas inconfiências — tenho a certeza de que o primeiro gesto do leitor é... despedir imediatamente a sua criada. Pelo menos — tomar algumas precauções...

R. X.

# PROCÓPIO FERREIRA

# JORACY CAMARGO

## fazem curiosas revelações

O homem meio português. — O teatro brasileiro entre bastidores. — Uma entrevista através dum vidro fôcco. — 34, o número da sorte



O Grande dramaturgo brasileiro  
Joracy



O máximo actor brasileiro  
Procópio Ferreira

Procópio Ferreira é actor e mais do que actor, é um artista na amplitude máxima da palavra. O Brasil inteiro decorou o seu nome que vale, por si só, um cartaz berrante, policromo, de letras incomensuráveis.

As suas criações vivem perpetuadas na memória do seu público que extasiado tem seguido desde há 12 anos a trajectória sempre ascendente da sua carreira.

Procópio vem a Portugal representar um reportório vasto entre o qual vêm peças com mais de 400 representações no Rio de Janeiro.

Joracy Camargo é outra alegoria berrante que o Brasil teatral conhece e decorou pois que aos grandes êxitos de Procópio andam sempre ligados os êxitos de Joracy. É jornalista, escritor e autor teatral de visão larga e uma espécie de braço direito de Procópio Ferreira.

Temos apresentados os personagens. Antes de subir o pano vamos descrever o cenário.

Hotel L'Europe, quarto n.º 34. Malls grandes por toda a parte, uma secretária, outros móveis sem importância, livros aos montes e ao lado esquerdo uma divisória em vidro fôcco encobrendo uma casa de banho.

Sobe o pano.

E' Joracy Camargo quem nos recebe. São 12 horas exatas e os artistas levantam-se sempre muito tarde.

Por essa razão, talvez, Procópio Ferreira, por detraz do vidro fôcco toma o seu banho.

E' neste ambiente que se inicia a entrevista simultânea entre Joracy Camargo, à nossa frente e Procópio, ou antes a sua voz que num «à vontade» gentil se colocou á nossa incondicional disposição.

— Demora-se muito em Portugal?

— 4 ou 5 meses apenas; tempo que, no entanto, se me afigura suficiente para a obra que me traz a Portugal.

— E essa obra?

— E' a divulgação do teatro brasileiro através das suas peças mais representativas, dos poetas brasileiros, da literatura brasileira, de tudo, enfim, que é brasileiro.

Nós conhecemos melhor Portugal do que vossês o Brasil. Nós falamos de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Camões, de Damião de Gois de Bernardim Ribeiro e tantos outros como de pessoas nossas conhecidas.

Ramada Curto, Lopes de Mendonça, Correia de Oliveira, Augusto Gil, João de Deus, Teixeira de Pascoais etc., para não falar só nos antigos são igualmente objecto do nosso estudo, da nossa incondicional admiração.

— Uma cruzada patriótica portanto?!...

— ...e o desejo sempre constante e pertinaz de vir até Portugal, vossa linda terra que eu considero mais que nenhum outro brasileiro a minha segunda pátria, pois meus pais são portugueses e naturais de Lisboa.

— E grande o reportório que trás?

— É, e genuinamente brasileiro, na sua maioria teatro de Joracy Camargo. Ele que o euicude melhor...

Presentimentos que Procópio Ferreira estava terminando o seu banho. Isto fez com que por momentos, o deixassemos em paz.

Voltamo-nos para Joracy Camargo. É ele agora a vítima da nossa indiscrição.

— Procópio estreia-se, no Ginásio, com a comédia «Deus lhe pague» peça que no Brasil e na Argentina é sempre um cartaz.

— Da autoria de?...

— Dêste seu criado. Depois seguir-se-ão as comédias: «Se eu fosse rico», «O Bombo do Rei», «Pense Alto», «Sansão», «A última conquista», «O Rei do Cobre», «O infeliz André» e possivelmente muitas outras.

— Originais portugueses?

— Nada há assente em definitivo. O Procópio está em negociações com autores portugueses e dentro em breve lhe poderá dizer o que se resolver.

Procópio Ferreira na casa de banho, ainda ouviu, e apressado acrescentou:

— Não sairei de Portugal sem representar teatro português — garanto-lhe — pois é esse o meu maior desejo, um dos grandes até que me fez cá vir.

— Apressados perguntamos:

— Qual o artista português que mais admira?

— Palmira Bastos ou Adelina. Entre as duas, não sei qual escolher.

— E o autor português?

— Ramada Curto, sem dúvida absolutamente nenhuma.

— Voltamo-nos para Joracy Camargo.

— No Brasil trabalham muitos portugueses?

— Imensos! Nem eu nem o sr. podemos calcular. Por aqui faça uma ideia. Num local, cheio de beleza, um pouco

afastado da cidade do Rio de Janeiro, a Casa dos Artistas, ergueu um magestoso edificio para repouso dos actores inválidos. Pois bem: da frequência dessa casa 80 por cento é portuguesa.

Note no entanto que nós não estabelecemos diferenças entre artistas brasileiros e portugueses.

O próprio governo nas suas leis corporativas não estabelece a designação de «estrangeiro» para o actor português. Antes pelo contrário, dá-lhes as mesmas garantias e regalias que aos actores nacionais. Mas há mais e melhor.

Foi inaugurado recentemente no Rio um Curso de Literatura portuguesa regida pela distinta professora D. Ester Campos.

Antes de vir para Portugal, visitando esse curso verifiquei que a lição do dia constava da declamação de trechos completos de Virgínia Vitorino, pelas alunas.

Já vê!...

— Quais as características do teatro brasileiro?

— Pessoalíssimas! Nós herdamos de vocês a latinismo e a grande obra imorredoura de Gil Vicente que conservamos e nos orienta ainda, mas a forte e poderosa influência americana, faz-se sentir em nós dando-nos características únicas.

— Qual o género de teatro que mais prefere?

— Aquele que não faço: — o histórico.

A propósito olhe: — eu que não vi peça alguma de Reinaldo Ferreira, conheço o 1808 em todos os seus detalhes.

E logo Procópio Ferreira que teima em não sair daquela maldita casa de banho atalha:

— A Palmira teve nessa peça uma grande criação, num papel de bailarina, não teve?

— Precisamente. Conhece a «Dama do Sud»?

— Conheço por ter ouvido a Palmira falar dela. É também de Reinaldo Ferreira.

Joracy Camargo volta a ser a nossa vítima:

— Fale-nos ainda mais do teatro brasileiro por favor:

E ele com um eterno sorriso amável:

— Nós tivemos quatro períodos distintos. O primeiro foi há 100 anos com

(Continua na página 14)

# Prova-se que as mulheres e as jovens modernas

são mais castas e menos «coquettes» do que as antigas

(Os institutos de Beleza de há 150 anos)



Uma fábrica de postigos.. no século XVIII

É vulgar ouvirmos proclamar — não só na boca dos velhos com também dos novos — que o «mundo está perdido», e que as «mulheres atingiram a rampa loucura — por onde deslizam agora com a velocidade que só a atracção do abismo consegue»; que as «moças e sobretudo as quarentonas que a natureza não fadou com os seus melhores encantos abusam da artificialidade — em tais extremos e com tal ânsia de obedecerem aos dogmas da moda que se estabelecem em pleno absurdo...»

Os prodígios da química que se anunciam nos jornais, para maquiagem; a cirurgia estética de certos médicos que se dedicam à metamorfose do feio e do velho em belo e fresco, todos os segredos desses misteriosos institutos para damas — onde Mefistofeles parece ocultar-se; e até os próprios cabeleiros. Onde as longas tranças são impiedosamente executadas e se combinam os penteados mais imprevisos — estão no índice dos intolerantes, como maldições da nova época.

«Hoje em dia — gritam — a maioria das mulheres belas, em circulação — são falsas, tão falsas, como moedas de chumbo emitando prata! No nosso tempo...»

Equivoco e injustiça. Essa não é a verdade! Acaba de o provar, com documentos gráficos irresponsáveis um jornalista inglês — Jack Blay.



Censuram as raparigas que perdem hoje tempo nos cabeleiros... Vejam como se preparava «uma cabeça» em 1790

«A burla de que acusam hoje as mulheres — escreve Jack Blay — limita-se a avermelhar um pouco os lábios, a cercar os olhos duns tons especiais em harmonia com a cor da iris e a embelezar das faces com uma tinta suave e agradável. Não oculta, essa maquiagem, a intensão de enganar seja quem for — visto que as mulheres de hoje se pintam na rua, em público, deante de noivos e dos maridos. Além disso basta que mergulhem num banho de mar — para que toda a tinta desapareça — e elas, nem por isso se incomodam...»

«Não! Na nossa época as mulheres não escondem os seus processos de embelezamento. Já o mesmo não sucedia outrora!»

«Para os contemporâneos da juventude... das nossas avós — o casamento era uma espécie de jogo de azar. Arriscava-se, por um palpite — e muitas vezes saía uma mulher; outras um esqueleto descarnado, torcido e liso, outras ainda — o que era dum pleno — uma autentica Venus!»

«Para os amantes do jogo do azar — era emocionante! Mas para outros... Hoje, apesar das saias até aos pés — um pretendente não vai absolutamente às cegas... Pode... deduzir, com exactidão. Antigamente as saias eram feitas com uns tecidos magníficos de resistência, duravam vinte anos — mas defendiam, como uma muralha de granito, o misterio que ocultavam! Quanto à linha do busto, prisioneiro do espartilho tudo se reduzia ao heroísmo da mulher. As mais valentes que permitiam que lhe apertassem os cordões até quasi asfixia-las — podiam pesar 100 quilos — que ficavam com o busto elegante, leve, airoso, a cintura fina, as linhas graciosas... As magrizes igualmente se defendiam — à força de algodão em rama ou de outros apetrechos muito usados na época.

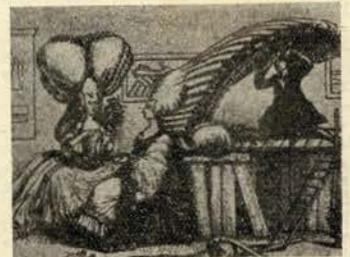
«Quando falam das «ondulações» e dos penteados modernos — deviam mostrar-lhes as gravuras com os penteados fantásticos, verdadeiros monumentos, das damas do século XVII e XVIII. Quando acusam uma rapariga de perder muito tempo a... cortar o cabelo — era caso para lhes perguntar quantas horas dia-

rias gastariam essas damas, fechadas com o seu cabeleiro — ou architecto! — para se pentearem...»

«Sob o ponto de vista moral, basta citar as elegantes do «Directório». O impudor dessas damas era tal que exibiam mais nudez, passeando por Paris — do que hoje uma rapariga, numa praia, de maillot — à hora do banho... Censuram igualmente que as senhoras modernas são demasiado generosas na revelação da linha plástica das pernas — ao cruzá-las, quando se sentam; ao trepar para um carro, ao desprezarem toda qualquer defeza contra a diafanidade das saias... Em primeiro lugar — as mulheres conseguiram assim acabar com os palpavos indiscretos — até ao extremo de estarem à sua vontade sem sentirem dardejear no seu corpo dezenas de olhares ávidos, gulotões... Além disso — em todas as épocas as mulheres foram generosas nessas revelações... Apenas variam de revelação... No século XVI a sua generosidade estava nos decotes; no século XVIII, nos braços, sempre nus; no principio do império — nas aberturas de lado, das saias — os celebres patalones; no segundo império... nos braços e nos decotes...; no post-guerra foram as costas; hoje são as pernas...».

\* \* \*

Embora não estejamos totalmente de acordo com Jack Blay achamos curiosa a sua argumentação — e sobretudo os seus documentos gráficos — e por isso tomamos a liberdade de os reproduzir.



Uma maquina... de pentear em 1770

# Um milagre do Natal

## que se revela vinte anos depois

### O mistério da fraternização das tropas inimigas durante a guerra

sempre negada oficialmente  
— e que hoje se prova com todos os seus detalhes



**E**IS um episódio ignorado, que só agora, simultaneamente, a imprensa inglesa e alemã, revela e que merece, pelo seu significado, toda a publicidade. Data da véspera e dia de Natal de há... vinte anos — quando a Grande Guerra enrubescia numa das suas fases mais ardentes e sangrentas — e quinze mil homens — britânicos e germânicos o heroificaram — quinze mil homens que quiseram sobrepôr-se à cegueira mecânica e cruel da Fatalidade e, num gesto espontâneo, deixaram que as próprias almas fossem a única bússula das suas atitudes!

A bem dizer — este episódio... *constou* — mas foi logo abafado, desmentido, tanto pela Alemanha, como pela França, e Inglaterra, a Rússia — que, em notas oficiais o pretenderam limitar — apoucar — a um incidente local, de meia dúzia de indivíduos... Segundo essas notas alguns grupos, apenas, tinham saído das linhas e tomado contacto durante alguns minutos, com o inimigo, com o fim de trazer os seus mortos. Mas, a verdade ocultou-se sempre. 99 por cento dos soldados que participaram deste drama — o mais estranho e grandioso de todos os dramas de Natal que se conhecem — morreram nos quatro anos da guerra! Foi em 24-25 de Dezembro de 1914. A British Expeditionary Force há dezenove semanas que se debatia, em França, com os alemães.

O exército em campanha compunha-se inteiramente de sobreviventes de Mons, do Marne e de Ypres, reforçados por batalhões da milícia e seis ou sete unidades territoriais. As baixas entre os oficiais tinham sido enormes e muitos novos subalternos tinham sido promovidos. Foi um destes jovens oficiais promovidos quem tomou a iniciativa desta maravilhosa e humana ânsia de paz.

Sofriam os rigores do inverno. O exército britânico que não estava equipado vivia em estreitas trincheiras que se tinham tornado em valetas. Tinha-se rendido toda a linha na véspera do Natal. As tropas que seguiam pelas trincheiras de comunicação nessa noite deviam parecer um exército de fantasmas. Iam carregados com a celindragem usual de arame farpado, caixas de rações, cantis, e sacos de terra, além do regulamentar da arma. Mas, em cima de tudo isto, embrulhos de papel pardo, — os seus presentes do Natal. Um nota estranha e aparentemente sinistra começou a ser observada. Os alemães tinham revelado, até então, um admirável conheci-

mento do dia e hora exactos das rendições no front britânico, e aproveitavam a ocasião varrendo as arias da rectaguarda com fogo de *shrapnels* e metralhadoras.

Nessa noite pela primeira vez, nem um tiro se ouviu. Igualmente misterioso era o facto de se não verem durante horas, os facho sobirem das trincheiras alemãs. Deve estar eminente um ataque noturno, diziam os soldados antigos. Partiram patrulhas de infantaria para a «terra de ninguém». Voltaram uma a uma anunciando que o inimigo estava completamente inactivo, e, mais estranho ainda, que parecia ouvirem-se cantigas suaves vindas dos seus «dug-outs». As dez da noite o tempo estava muito claro. As sentinelas tinham sido avisadas, com medo de alguma cilada, para vigiar bem o arame farpado dos alemães e facilmente o faziam. De repente um arrepião passou pelas trincheiras britânicas, nas oito milhas de Fleurbaix, um pouco ao sul de Armentières, até Nueve Chapelle.

— «Sentido!» gritaram as sentinelas. Brigadas de cavadores largaram o trabalho, acordaram os que dormiam; saltaram para os parapetos com carabinas e baionetas armadas e prontadas as metralhadoras para a defensiva.

Soldados que conheciam a guerra, em todos os seus aspectos, ficaram pasmados com o que viram. Com intervalos de cerca de cem jardas as trincheiras alemãs tinham quasi, num instante, sido iluminadas delicada e exquisitamente. Havia luzes verdes, amarelas, azues e brancas; mlhares delas até onde a vista alcançava.

Curiosamente, davam a impressão de estar armadas em triângulos.

«SOS! SOS!» De todos os pontos do front britânico os telegrafos transmitiram para a artilharia o pedido de socorro contra o ataque. Os telefonistas repetiam a ordem verbalmente. Com medo que as linhas tivessem sido cortadas, imensos foguetões foram atirados. Os gongs das trincheiras foram tocados.

#### Em cheio no alvo

Num momento as peças estavam disparando. Aqui e além algumas granadas acertavam em cheio e apagavam os esquisitos triângulos de luzes. Inocentemente e desconhecendo-o, os artilheiros ingleses estavam crucificando o próprio símbolo do Natal. Os seus alvos eram árvores de Natal, enfileiradas com velas em balões de cores, os quais, disseram

depois os soldados alemães, tinham sido preparados com muito trabalho e paciência como uma surpresa de véspera de Natal para o exército britânico. Uma a uma as árvores de Natal sob a chuva de granadas, foram tiradas do topo das trincheiras. Mas as iluminações não desapareceram. Até à meia noite e no começo do dia de Natal o reflexo aparecia por toda a parte sobre as linhas inimigas.

Minutos antes da meia-noite ouviram-se manifestações ruidosas nas trincheiras alemãs. Era produzido por milhares de homens espalhados pelos campos cantando poderosamente em coro. As tropas britânicas — atontadas não podiam reconhecer as palavras mas facilmente indentificaram as canções. Eram «O bom rei Wenceslau» e «Venham, todos crentes».

Acabados os cantos alemães, os soldados britânicos aceitaram o silêncio que se seguiu como um convite para responder. Algures um gaita de foles começou o «Fred Karno's Army», espontaneamente e como um relâmpago, as palavras da marcha trocista ecoaram. Se os alemães aceitaram esta estranha canção como canção do Natal, nunca se soube, mas durante uma hora encheram a atmosfera nocturna com as suas próprias canções.

«Feliz Natal, ingleses!» gritaram vezes sem conto.

Ainda assim as suspeitas e a disciplina do exército britânico os continha. Já sabiam o bastante da guerra para se precaverem contra qualquer astúcia. Mas os alemães insistiram. Viu-se um deles subir e ficar em pé no parapeto da sua trincheira. Como se destacava bem no horizonte era fácil acertar-lhe, mas felizmente ninguém disparou. O homem começou a cantar em bom inglês a canção de *music-hall* de antes da guerra: «Viu algum uma banda alemã?» Por fim os soldados ingleses cederam. Aplaudiram!

O alemão devia ter ganho coragem. «Sejamos amigos», bradou. «Não vem ninguém a meio caminho cumprimentar-me?»

Cinco vezes gritou o convite e durante cinco minutos ninguém respondeu. Depois ouviu-se uma voz: «— Vou eu, se estiver desarmado.»

«Concordo!» — contestou o alemão que, dia de homens simples no Natal de 1934. momentos depois, foi visto saltar da sua trincheira e começar a caminhar através do seu arame farpado.

(Continua na pág. 15)

# A verdade sobre o heróico episódio do caldeireiro

(Continuação da pág. 5)

quadro representando um chinês, e que era colocado todos os dias entre a porta da sua casa e aquela que é ainda hoje a da Ginginha, isto é, precisamente em frente da embocadura da Rua de Santo Antão.

Este homem, que morre junto ao candeiro, caído de bruços sobre a borda do passeio, conservava-se durante mais de 3 horas, até que os serviços de socorro o levam para a Morgue.

No seu lugar fica uma enorme poça de sangue, e já à noitinha com o candeiro acêso, aparecem dois rapazes de cerca de 17 anos, um dos quais molha os dedos no sangue — que então já estaria coalhado — e traça na parede as primeiras cruzes.

O tiroteio continuava embora mais espaçadamente durante toda a tarde, so-

breteado quando algum incauto, acossado pela polícia que procedia à «limpeza» dos arredores do largo de S. Domingos, era forçado a passar ao alcance das espingardas da Municipal. As praças desta, que ocupavam o varandim, como o seu raio vizual era maior, atingiam todos aqueles que tentavam fugir pela rampa que conduz às Calçadas do Garcia e Santa Ana.

Os rapazes assustados com uma descarga fogem em direcção ao teatro Nacional, e daí a alguns minutos os mesmos ou outros dois que surgem do lado da Travessa Nova de S. Domingos, completam a inscrição com o barrete frigio e a legenda «Viva a Republica».

Tudo isto foi observado pelo meu amigo, que da janela de sua casa tinha um ponto magnifico para assistir ao ma-

sacre, que nesse dia sangrento de 5 de Abril de 1908, levou o luto a muitos lares portugueses.

Prova-se assim, que não foi o heróico António de Oliveira, o autor da inscrição como Júlio Dantas afirma no seu livro, mas sim dois rapazes, que hoje devem ser homens e positivamente leitores do X.

## Quem são os "Portugueses de Gondar"

(Continuação da pág. 7)

prio império. Em todos os transeos difíceis — eram os portugueses de Gondar que saíam da Abissínia e que, jogando, manobrando as suas influências no estrangeiro evitavam conflitos; criaram simpatias, teciam um ambiente universal, favorável — e — *in extremis* — preparavam e orientavam os abissínios à vitória — se fracassavam todas as outras tentativas... Um relatório do Estado Maior Italiano sobre a célebre derrota do *Desfiladeiro do Diabo* («a maior derrota militar dos tempos modernos» segundo a opinião imparcial dum estratégico francês e que simbolisa o desastre da Itália na Abissínia na guerra de há poucos anos) acusa um português — João Silveira Monteiro de ser o organizador de todo o plano de batalha.

«Ficou para sempre, na memória dos italianos — o rótulo dos «portugueses de Gondar» — como os defensores dogmáticos da independência da Abissínia.»

\*  
\*  
\*

Julgamos oportuna a reprodução desta palestra... Já se sabia as muitas influências — influências que as penumbras do tempo tornaram misteriosas dalguns nossos compatriotas — nesse misterioso país... Mas ignorava-se — julgamos — a existência — dos portugueses de Gondar... Que bela reportagem, hein? A nós, pelo menos, faz-nos crescer água na boca... Uma viagem a Gondar — e uma entrevista com êsses alpedrinhas que há três séculos cumprem... sabe Deus que missão — esquecidos da pátria, indiferentes a Portugal — e mais abissínios do que os adversários.

## EU REJUVENESCI 10 ANOS

Podeis fazer outro tanto



### A espantosa descoberta de beleza de um doutor

É agora fácil embranquecer, refrescar e rejuvenescer uma pele estragada e envelhecida. A ciência descobriu enfim um elemento vital e rejuvenescedor para a pele. Quando se o faz penetrar nos tecidos, por um movimento vibratório, as rugas desaparecem, os poros dilatados, pontos negros e imperfeições desaparecem. Este elemento vital e rejuvenescedor, obtido de animais novos está agora contido no novo Creme Tokalon. A sua acção embelezadora e tónica sobre a pele dá este brilho de saúde e juventude emanando dos tecidos sub-cutaneos, que ornamenta, mesmo do rosto mais feio, uma beleza surpreendentes. Aplique o Creme Tokalon,

alimento para a pele, Cór de rosa, à noite antes do deitar. Alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o Alimento para a pele, cór branca, não gorduroso. É embranquecedor e adstringente. Refresca a sua cara para todo o dia e torna o pó aderente. Por muito mau que possa ser o estado da sua pele e tez ficará surpreendida e encantada muito além dos seus sonhos. Felizes resultados são garantidos senão o dinheiro ser-vos-há reembolsado.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon, 88 (secção C. P.) Rua d'Assumpção, Lisboa, que atende na volta do correio.

## A grande jornada dos Fadistas

### NO CAPITÓLIO

Na próxima segunda feira 25 pelas 21 horas realiza a «Guitarra de Portugal» o simpático jornal de Fados a sua festa anual com um curioso programa de canções e guitarradas.

Os poucos bilhetes que ainda restam encontram-se á venda na bilheteira do grande cinema.



João Caetano. O segundo, mais recente, com Correia Vazquez, artista de fina escola, de talento raro; o terceiro, com Leopoldo Frois e o quarto com Procópio.

Há, no entanto, uma diferença considerável entre os dois últimos. O primeiro viveu mais em Portugal e aqui se fez o actor formidável que foi. O segundo — o Procópio — foi no Brasil que se consolidou, que se fez o que hoje vale...

Finalmente, Procópio Ferreira, em pijama, resolveu-se a sair daquela torturante divisória envidraçada.

É um homem pequeno — que por estranho paradoxo é um ídolo grande. É ele agora o objecto das nossas atenções.

— Não farei em Portugal somente teatro. Realizarei conferências várias sobre poetas brasileiros e em especial sobre o Catulo da Paixão Cearense.

— E palestras humorísticas?

— Também farei. Muito em breve, sobre o tema «Como se faz rir» vou inaugurar a série das que me proponho tificação» certa.

— Qual foi a sua maior alegria em Portugal?

— Ter visto a neve a cair.

— E a sua maior decepção?

— Não ter chegado a tempo de assistir ao «Sol-Poente» do Ramada Curto.

— Conte-nos uma anedota vivida por V. uma anedota quasi ignorada.

— Com todo o prazer.

Uma artista de grande renome no Brasil anda, desde há muito, a «embicar» comigo. Sítio onde me topasse, na rua ou nos corredores do teatro era «mortificação» certa, para mim.

Outro dia contracenávamos os dois numa cena muda e Ela desata a beliscar-me doadamente a ponto de me fazer doer, de verdade. Foi na noite da premiere. Eu, muito baixinho para não dar escândalo, perguntei-lhe:

— Porque não deixa V. de mortificar-me, senhora?

E ela sorrindo, cínica, mas continuando sempre:

— Ó senhor Procópio, tenha paciência, mas agora é do papel.

E era de facto. O autor tinha-me arranjado aquele bonito sarilho.

— Agora peço-lhe um caso pessoal, uma «coisa qualquer» que fique bem dentro dos moldes jornalísticos do «X».

Procópio Ferreira, depois de alguns segundos de exitação, lá se decide:

— Aí vai. Nunca o contei a jornalista algum; é inédito, portanto.

Eu nunca despreso, quando posso, o número 34. Se jogo na lotaria o número há-de terminar nestes dois algarismos; no teatro prefiro sempre o camarote n.º 34, se o houver; no Hotel prefiro sempre o quarto com êsse número.

— Curioso, de facto.

— Em Lisboa já estive hospedado noutro hotel e só porque o quarto desse número estava ocupado a longo prazo, vim para aqui.

Mas há mais. Só no final do ano de 1934 me decidi a assinar os contratos com o Erico.

Sáimos, Procópio Ferreira saiu também. Já no Praça Lu's de Camões, não sei porque estranha fantasia quedi-me uns segundos a olhar o grande épico, imponente e marcial na sua figura de bronze e o pequeno Procópio, com a alma e os nervos daqueles, que, só por si, afirmam uma civilização.

SILVA BASTOS

O inglês que saiu ao seu encontro era o segundo tenente Harold de Buriatte, do segundo batalhão do Bedfordshire Regiment, que depois foi de tal modo ferido que ainda hoje está internado no hospital de Papworth, Cambridge. Os dois homens encontraram-se e fizeram a continência a meio da «terra de ninguém».

O alemão tirou do dedo um anel de ouro e pediu ao oficial inglês para aceitá-lo como «prova de sinceridade».

## O aperto de mão Simbolico

O tenente de Buriatte ainda possui o anel. Devia ser conservado para todo o sempre como um tesouro!...

O alemão disse que tinha sido enviado como intermediário porque, tendo vivido durante anos em Brighton, falava perfeitamente inglês. Trazia uma mensagem dos seus camaradas: todos eles gostariam de reunir-se aos soldados ingleses, uns e outros desarmados, na «terra de ninguém» ao nascer do dia, para que tanto quanto possível, os dois exércitos, pudessem celebrar juntos.

O inglês e o alemão apertaram as mãos,

fizeram continência, e desapareceram na escuridão.

Veloz correu a notícia do convite do inimigo, de ponta a ponta da linha britânica.

A madrugada confirmou, às primeiras luzes — a sinceridade da fraternização. Graças a elas viram os ingleses os soldados alemães, ao longo da linha, sentados no topo dos parapeitos.

Cautelosamente a infantaria britânica levantou as cabeças. Os alemães viram e deram vivas. De ambas as trincheiras os homens saíram em pelotões. Pelo menos oito batalhões ingleses, cada um de mil homens, saíram, sem medo de cilada inimiga ou das consequências disciplinares que pudessem seguir-se. Só levaram as sacolas a abarrotar de comestíveis e os embrulhos do Natal que tinham recebido de casa. Fraternisaram rapidamente e num momento cada um comia as provisões do outro. Foi o maior gesto que uns e outros podiam realizar! Fiadas de salchichas foram trocadas por carne enlatada que os alemães declararam deliciosa. Os alemães, por sua vez, regalaram os ingleses com milhares de charutos...

Rapidamente os combatentes chegaram à maior intimidade. Mostraram uns aos outros fotografias de suas mulheres, filhos e namoradas — de todos os entes queridos... que estavam longe... A dificuldade da lingua foi facilmente vencida pela mímica. Aqui e além os soldados britânicos apresentaram bolas de football. Os gaiteiros do segundo batalhão de Gordon Highlanders tocou «reel's» e «schotisches», e alegremente os alemães dançaram com os escoceses de saíotes. E assim durante horas se viveu em paz entre as trincheiras.

Se durasse mais algumas, as hostilidades podiam ter acabado ali mesmo e o sacrificio de dez milhões de vidas, no satanismo da guerra durante os quatro anos seguintes teria sido evitado.

Mas as notícias do extraordinário acontecimento entre as tropas combatentes tinham sido telegrafadas para as bases dos dois exércitos. Generais e oficiais do estado maior abandonaram os seus jantares do Natal, a grande distância das linhas e vieram de automóvel, consternados, para as zonas avançadas...

## O grande significado

Muitos oficiais alemães foram depois julgados, levando baixa de posto por terem permitido a confraternização e todos os homens do exército britânico foram repreendidos. Os soldados britânicos só voltaram às trincheiras depois dos oficiais superiores terem dado a ordem de «retirar». Vinte anos depois, o eco dos apitos que chamaram êstes soldados às realidades da guerra ainda se ouve no mundo.

Mas por mais estridente que êle fosse, nunca poderá abafar o acto significativo dessa noite de Natal de 1914.

A. P.

## Graça japonesa

(Os japoneses também têm jornais humorísticos, caricaturistas e... espirito. Eis um «specimen»):



A chegada dum noivo a casa da noiva, para lhe pedir a mão — mas que, com as pressas, sofreu... um pequeno desastre de automóvel.

## COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade  
PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana, Ltd. - Rua da Prata, 145 - Telef. 2 5281 - Lisboa  
RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - Telef. 1248 - PORTO

## «QUINTA BELA»

Um título romântico? Não!

Uma marca!

Pôrto... «QUINTA BELA»

É um Pôrto que é... Pôrto!!!

E tanto assim que os apreciadores só bebem

«Quinta Bela»

TAVORA

Rua do Alecrim, 69 — LISBOA

## Móveis, Estofos

### e Decorações

Não basta adquirir mobília,  
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belem, 80-82

Telefone: Belem 237

LISBOA

## Venereologia e Sífilis

### Dr. Campos Rocha

Consultório:

R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

## Sortes e Prémios Grandes

só o

### José Pedro

OS VENDE!...

R. do Ouro, 203

R. do Arco Bandeira 173

## BRANCO & IRMÃO

### Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.

Reparações • Para-Raios • Antenas

Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88

PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

## Fábrica Portuguesa

DE

ESCOVAS E PINCEIS

Movida a electricidade

FIGUEIREDO, JORGE & C.ª

Executa toda a qualidade de escovas para Fábricas de Lanifícios e Moagem, bem como brochas e pinceis para qualquer género de pintura, por muito difícil que seja a sua execução

69, R. de S. João da Praça, 71

TELEFONE 2 0362

LISBOA

## CAFÉ GLOBO

Aberto tóda a noite

CEIAS — Preços populares

RUA DOS CONDES

## Restaurante PRIMAVERA

Um canto discreto. — Optima cozinha. — Petiscos sempre variados. — Clientela sempre selecta. — Preços económicos

Travessa da Espera — LISBOA

## António d'Oliveira

DOURADOR

RUA LUIZA TODI, 10, 2.º, D. — LISBOA — Telef. 2 2938

## PALMILHA PARA CALÇADO

Timbragem a ouro fino ou a côres, o mais perfeito e o que com mais vantagem, substitue a etiqueta de papel

Preço: Desde \$15 o par

## ABADIA

Restaurante genero «Normmãnde»

Especialidade em mariscos, cervejaria e «charcuterie» Alemã

36 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 40